

## ARTES PLÁSTICAS

# Monumento ao entulho autoritário

Pessoal da arte ativista volta para cutucar marginais consagrados e autoridades letais

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Ao passar, hoje, pelo Eixo Monumental, preste atenção na enorme escultura em madeira pintada, que um grupo de artistas plásticos ergueu, ontem, em homenagem ao Dia do Trabalhador. A matéria-prima foi retirada do entulho que cercava a Casa do Teatro Amador, última criação de Oscar Niemeyer edificada em Brasília. As tintas, o grupo comprou com recursos provenientes de coleta.

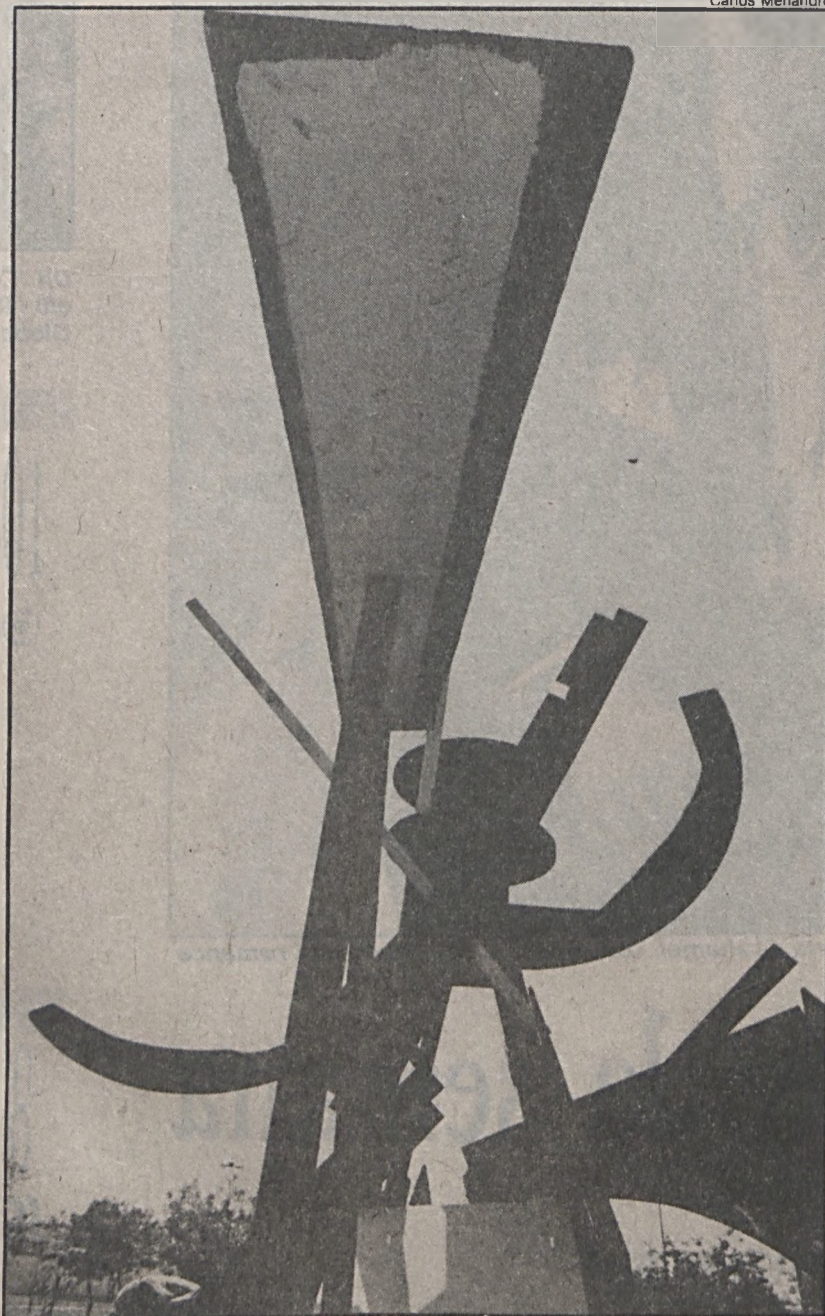
Lila Sardinha, 32 anos, e Delei Amorim, 35, que compõem o grupo com Eloiza Gurgel, Andréa Gomes de Matos e Reynaldo Miranda, são dois dos mais ativos cultores da "intervenção urbana" na cidade. Nos anos 70, com Néelson Maravalhas, formaram o núcleo básico do grupo Ex-Cultura, que espalhou obras pelos muros, superquadras e portas de galerias.

Nos anos 80, Delei foi estudar no México e Maravalhas, nos EUA. Lila abandonou o Plano Piloto, indo atuar na Ceilândia. Os três, que começaram a trabalhar no Departamento de Desenho da UnB, onde estudaram, "deram um tempo nas intervenções urbanas".

Lila foi experimentar o magistério (Educação Artística) junto a público carente — o das cidades-satélites, em especial o de Ceilândia e Taguatinga. Hoje, é titular da Coordenadoria de Cultura da Regional de Ensino da Ceilândia, organismo vinculado à Fundação Educacional do DF. Através do projeto *Curto Circuito — Escola Pálco*, trabalha com artistas da comunidade e convidados. Trabalha, também, com a Pró-Universidade, que a UnB mantém na Ceilândia, com a Pastoral da Criança e com Meninos de Rua. E frequenta o Núcleo Mandacaru, onde militantes preparam ações político-culturais de intervenção no cotidiano da satélite. À frente do Núcleo está o ator e diretor Francisco Morbeck, criador do Grupo Favela, o melhor entre os amadores oriundos das cidades-satélites, nos anos 70.

Lila conta que, quando Delei foi para o México, sentiu-se desestimulada a continuar pintando muros e paredes de edificações do Plano Piloto. Aproveitou o período para mergulhar fundo em seu trabalho comunitário na Ceilândia. "Nas horas vagas", conta, "pinto óleos sobre tela, pastéis e faço cerâmica". Mas não se estimula com o "circuito viciado" das galerias. Prefere "exposições coletivas e a grandeza das paredes, muros e parques da cidade".

**Opção de vida** — Néelson Maravalhas, um dos mais ativos membros do Ex-Cultura confessou, quando premiado no *Concurso de Tapumes*,



*Espontaneísmo e espanto no refugio da Casa do Teatro*

promovido pelo Conjunto Cultural da CEF, sentir-se "desestimulado a continuar participando de processos de intervenção urbana". Estava mais preocupado com "o aperfeiçoamento do traço" em sua pintura. Delei e Lila respeitam a opção do amigo, mas justificam suas permanências na pintura e escultura de rua: "Nosso processo de vida nos leva a persistir neste trabalho de intervenção urbana. Estamos mais interessados na técnica mista que na técnica pura, na obra coletiva que na individual. Nosso descompromisso com o mercado é total. Há uma força incontrolável que nos leva a trabalhos que fogem dos circuitos viciados das galerias".

Delei, aliás, confessa-se "estarecido" com uma das consequências do Plano Collor: "As pessoas só falam em dinheiro. Parece que separaram a cabeça do corpo. Estão de tal forma contaminadas, que vão acabar

fabricando dinheiro em casa, num trágico ritual de prazer". Frente a este "quadro terrível", ele volta a reunir os amigos para dar seqüência às intervenções urbanas iniciadas nos anos 70.

No México, Delei preparou tese de mestrado, ao longo de três anos (de 86 a 88) sobre *Pintura Mural*. Ao regressar ao Brasil, expôs na Galeria da Aliança Francesa (*Anti-Arte: Tape-te Maluco*, sua única individual na cidade). Quem pensou que ele havia se rendido ao circuito das galerias, enganou-se.

"No dia que cheguei do México, fiquei sabendo que o conjunto cultural da 508 Sul estava fechado. Conversei com a Lila, Cristina Meirelles e outros amigos e preparamos intervenção em preto e branco intitulada *Campo da Esperança* para marcar nosso protesto".

Outras intervenções foram se



*Obras de Delei Amorim*

## Cristais em estado bruto

Delei Amorim presenteou o Museu Histórico e Geográfico de Brasília, vulgo Museu da Aranha, com uma *Árvore de Cristal*. A obra foi instalada no pátio da instituição, na 903 Sul, em 21 de setembro do ano passado, Dia da Árvore.

A escultura, feita com pedras de cristal bruto, pesa 500 quilos e mede 1m90. A matéria-prima foi fornecida pela empresa Vector Quartzo. Quem visitar a obra vai se deparar com uma espécie de tronco recoberto com pedras de cristal bruto. Vale avisar aos que pensam nos efeitos de luz do cristal lapidado, que a opção de Delei foi pelo cristal bruto, em tamanhos desiguais. Mesmo em suas obras perenes, ele continua sendo um artista que questiona o brilho fácil. (M.R.C.).

processando, só que sem o ímpeto de outrora. Com a onda de pintura em tapumes que tomou conta da cidade — patrocinada primeiro pela CEF e agora por empresas construtoras — os artistas voltaram a se reunir. A turma de Delei revigorou-se, paradoxalmente, com o Plano Collor, "que destruiu o pouco que havia para o fomento cultural do País".

No dia do aniversário de Brasília, saíram pela cidade em "Caminhão da Cultura" patrocinado pelo Sindicato dos Rodoviários e bolso de cada participante. Para o *Primeiro de Maio*, resolveram pintar a sede brasileira da Funarte, atrás da Torre de TV. "Fomos avisados de que os guardas da Confederal", conta Delei, "não nos deixariam pintar. Resolvemos, então, erguer com restos da obra da Casa do Teatro Amador, uma escultura em homenagem aos trabalhadores da cultura".